

Na cozinha de Camilo

Ana Luisa Sonsino
Faculdade de Letras, CLUL, Universidade de Lisboa
Bolsista FCT desde 2017 – SFRH/BD/131612/2017

Tentar perceber a todo o custo como é que nasceu uma determinada obra pode ter consequências realmente inesperadas. O rigor científico leva-nos a transitar caminhos imprevistos, dando-nos por vezes licença para «coscuvilhar» em nome do saber. Hoje, quero convidá-los a percorrer um bocadinho de um desses caminhos, espreitando papéis que não era suposto lermos, mas cuja leitura desvenda uma parte do processo de génese d’*A Espada de Alexandre* que revelou características muito peculiares.

Mas, antes de começar, resulta imprescindível definir dois conceitos fundamentais: endogénese e exogénese.

Poderíamos definir a endogénese como o processo pelo qual o autor produz e modifica o material ante-textual (ou seja, tudo o que tenha escrito e reescrito antes de o texto definitivo ser impresso e publicado) sem utilizar para isso nenhum elemento externo. As «pegadas» deste processo podem ser encontradas, por exemplo, nos rascunhos: o autor escreve, risca, escreve por cima, volta a riscar, deixa um espaço em branco, escreve o que virá a seguir e só depois volta para atrás a preencher aquela lacuna. Mas não é apenas a escrita que pode dar conta do processo endogenético: desenhos, croquis, esquemas ou planos podem também fazer parte dos elementos que testemunham este processo, desde que tenham nascido da imaginação do autor e, portanto, não sejam a projecção de um elemento externo à escrita¹.

A exogénese, por sua vez, é o processo pelo qual, após um trabalho de pesquisa e selecção, elementos provenientes de fontes exteriores ao texto que está a ser redigido são nele integrados. Um dos casos mais simples de identificar é o das citações, pois, apesar delas estarem integradas num texto novo, o autor mostra ao leitor de onde é que provêm esses elementos – que antes lhe foram alheios – e como os integrou. Há, ainda, géneros literários em que o autor faz do sinal exogenético a matéria-prima da própria escrita como, por exemplo, o d’*A Espada*: a paródia. Contudo, salvo que o autor de forma deliberada decida o contrário, o rasto da maioria dos elementos exogenéticos tende naturalmente a perder-se no devir do processo de génese, pois na verdade este é o seu derradeiro destino:

¹ Cf. de Biasi, “¿Qué es un borrador?”, pp. 131/2.

passar paulatinamente de elemento exogenético a matéria endogenética para, no fim, tornar-se irreconhecível². Será no dossiê de génese, entendido no seu sentido mais amplo (isto é, como o conjunto de todos os testemunhos genéticos escritos que se conservam de uma obra, como por exemplo os apontamentos, planos e rascunhos escritos pelo autor, e, ainda, de todos os documentos que, embora em princípio alheios à génese, contribuam para o trabalho de análise do filólogo, como cartas, publicações entre outro tipo de documentos), onde encontraremos, se os houver, os vestígios do processo exogenético. Vamos então procurar algumas dessas singulares marcas no rascunho d'A *Espada*.

A Senhora Canuto

O final da página 14 e o começo da 15 do manuscrito d'A *Espada* é, como se pode apreciar nas imagens 1 e 2³, uma zona realmente muito emendada.

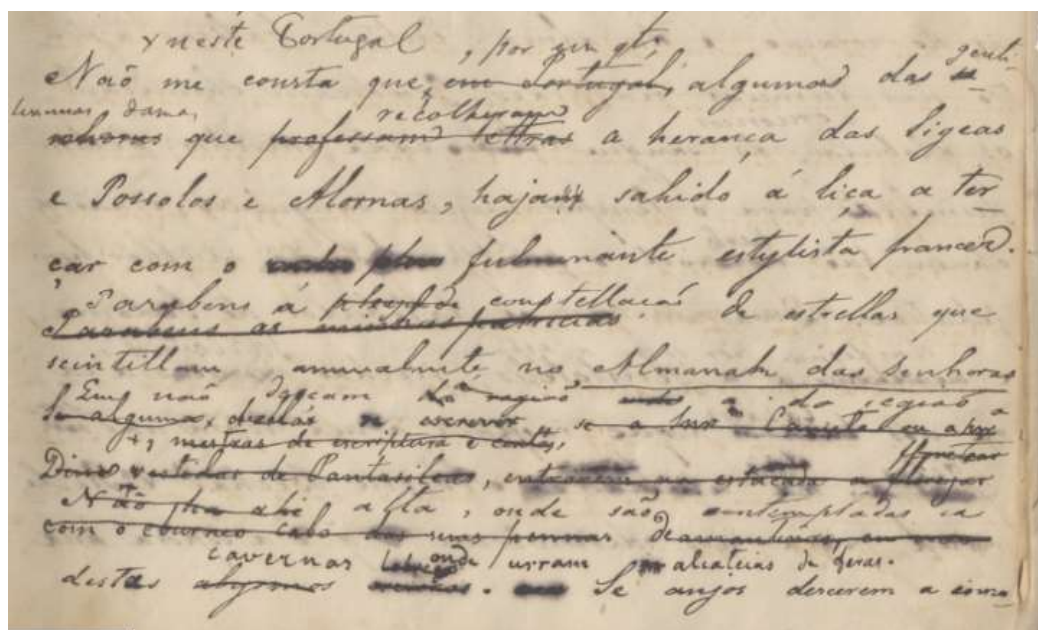


Imagem 1. Página 14

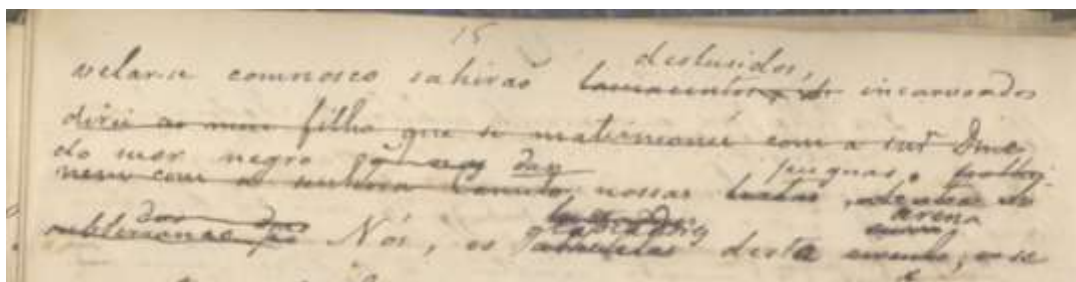


Imagem 2. Página 15

² Cf. de Biasi, “¿Qué es un borrador?”, 134/7.

³ À Casa de Camilo, proprietária do manuscrito autógrafo d'A *Espada* de Alexandre, é devido um agradecimento na pessoa do Dr. José Manuel de Oliveira, seu Director, pelo facto de me ter, sem restrições, facultado o acesso directo ao manuscrito e por me ter fornecido as imagens com que trabalhei e que reproduzo parcialmente neste artigo.

Nela encontramos escrito o seguinte:

Parabens á <pleyade> constellação de estrellas que scintillam annualmte no *Almanak das Senhoras* <Se alguma <dellas <se> escrever>, [↓ mestras de escriptura e contas,] se a Snr^a Canuto ou a Snr^a Dine, vestidas de Pantasileas, entrarem na estacada a <florejar>[↑floretear] com o eburneo cabo das suas pennas deamantinas, eu não [15] direi ao meu filho que se matrimonie com a snr^a Dine nem com a senhora Canuto>⁴

Uma vez que, mesmo transcrito, é realmente confuso perceber como é que se foram sucedendo as diferentes «camadas» de escrita, vamos ler, sem cancelamentos, a parte do texto que nos interessa agora numa das suas primeiras versões:

Parabens á constellação de estrellas que scintillam annualmte no *Almanak das Senhoras*. Se alguma dellas escrever, se a Snra Canuto ou a Snra Dine vestidas de Pantasileas entrarem na estacada a floretear com o eburneo cabo das suas pennas deamantinas, eu não direi ao meu filho que se matrimonie com a snra Dine nem com a senhora Canuto.

Aparecem aqui dois elementos, um que se mantém e outro que foi eliminado. O primeiro é o *Almanak das Senhoras* e o segundo é a Senhora Canuto. Com efeito, a Senhora Canuto é impiedosamente riscada desta passagem, que fica assim na primeira edição:

Não me consta que em Portugal, por em quanto, algumas das gentilissimas damas, que recolheram a herança das Sigeas, Alornas e Possolos, haja sahido á liça a esgrimir com o fulminante estylista francez. Parabéns á constellação que scintillam annualmente no *Almanach das Senhoras*!

Porém, ela reaparece na página 20 do manuscrito (imagens 3 e 4), onde pode ler-se a seguinte passagem:

⁴ Elenco dos sinais utilizados e respectivo significado:

<...>	segmento riscado pelo autor;
<...>[↑...]	cancelamento e adição de segmento na entrelinha superior;
[...]	adição de segmento na linha;
[↑...]	adição de segmento na entrelinha superior;
[↓...]	adição segmento na entrelinha inferior;
*...	leitura conjecturada;

Mas se ella descambar da[s] <lira para a *profund> <[↑canção] ,
e do Almanak do Palhaço para> <doçuras da maviosi> branduras
de Sapho para as Meditações socio-[20] logicas da snr^a Canuto,
peço-lhe snr Raimundo, que a obrigue a ler as obras de meu
mestre Theophilo, afim de ganhar odio á letra redonda — virtude
supranumeraria dos escriptos d'aquelle varão.

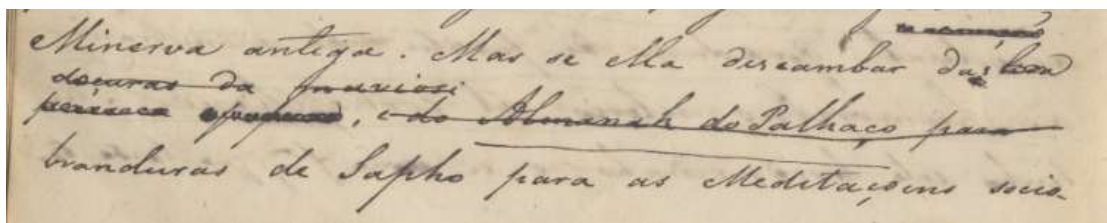


Imagem 3. Página 19

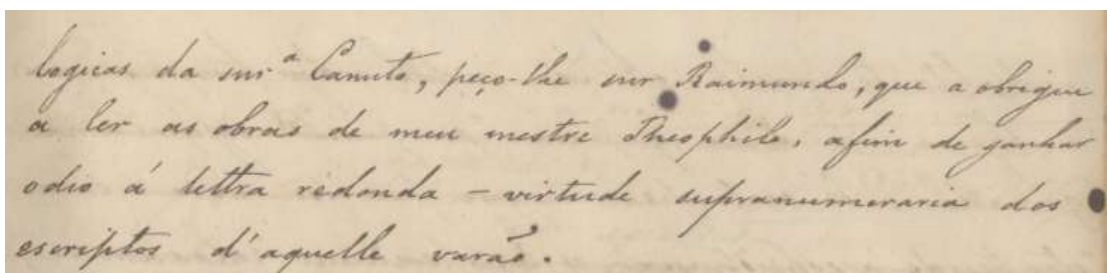


Imagem 4. Página 20

Omitindo os cancelamentos todos, o texto lê-se assim:

Mas se ella descambar da[s] branduras de Sapho para as
Meditações sociologicas da snr^a Canuto, peço-lhe snr
Raimundo, que a obrigue a ler as obras de meu mestre Theophilo,
afim de ganhar odio á letra redonda - virtude supranumeraria dos
escriptos d'aquelle varão.

Como se pode constatar, nesta passagem é a Senhora Canuto quem permanece (mas apenas na primeira edição), enquanto o Almanak é eliminado. Mas, porque é que isto é importante?

Maria José da Silva Canuto, quem aparece primeiro mencionada ao lado do *Almanak das Senhoras* e, mais tarde, do «Almanak do palhaço», foi escritora, professora e, talvez, a primeira mulher que se dedicou ao jornalismo político em Portugal⁵. Contemporânea de Camilo, em 1872 colaborou em, pelo menos, uma publicação na qual o escritor também participou: o *Almanach das Senhoras para 1872* (imagens 5 e 6). Se não tivéssemos tido acesso ao rascunho, onde o nome desta escritora aparece associado - embora que provisoriamente - ao *Almanak* por duas vezes, provavelmente ninguém teria ido conferir

⁵ M. H. Pereira, *Do Estado Liberal ao Estado-Providência*, p. 165.

quem é que tinha sido convidado a escrever nessa publicação no ano de 1872, perdendo-se assim para sempre o rasto de uma das fontes exteriores à obra.



Imagem 5. Páginas III e IV do *Almanach das Senhoras para 1872*.

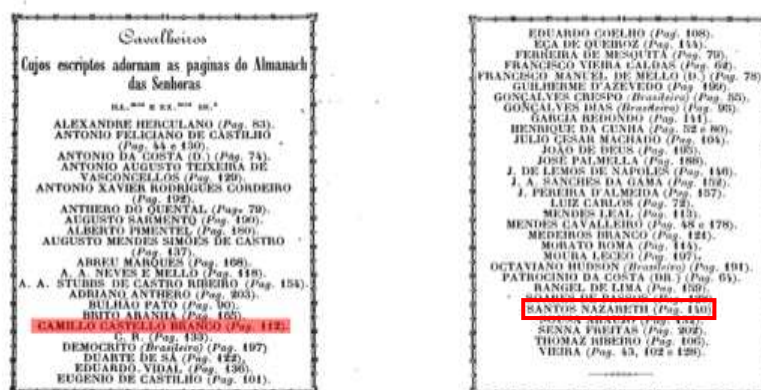


Imagem 6. Páginas V e VI do *Almanach das Senhoras para 1872*.

O Cozinheiro dos Cozinheiros

Talvez ainda mais singular que o anterior é o caso das obras mencionadas por Camilo quase no final d'*A Espada*.

Na página [46] do manuscrito encontramos o seguinte passo (imagem 7):

Se, á falta d'outra, o coração te esporear para mulher versada no alfabeto, fornece-a desde logo de livros uteis, brindando-a com as copiosas Artes da cozinha, q̃ se tem publicado em Portugal, desde Fernão Rodrigues até Ramalho Ortigão. Não se te importe q̃ ella conheça este segundo sugeito, mas tão somt^e do <Almanak> Cozinheiro dos Cozinheiros, que elle deu á

estampa com outros poetas <byronianos> causticados da inspiração <*v> de Beaudellére⁶.

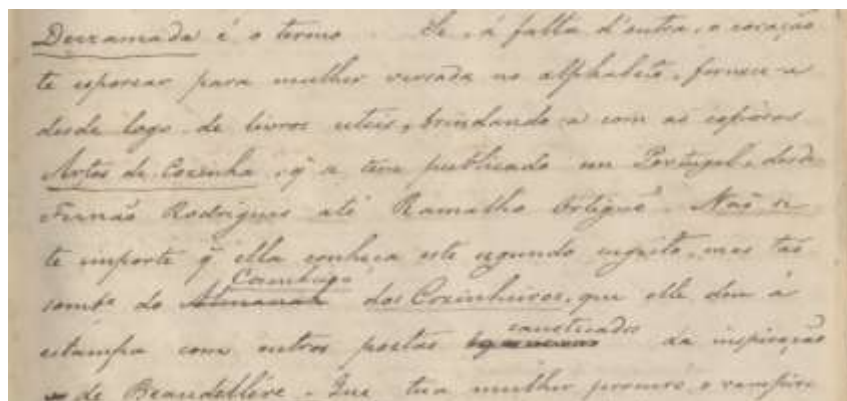


Imagem 7. Recorte da página [46] do manuscrito.

E, mais à frente, na página [49], este outro (imagem 8):

tua mulher recebeu cartas e respondeu a ellas, servindo-se dos teus dictionarios, do teu papel, dos teus enveloppes; e, p^a cumulo de affronta, da pena com que tu <commentavas> [enriquecias de notas] o Cozinheiro dos Cozinheiros⁷

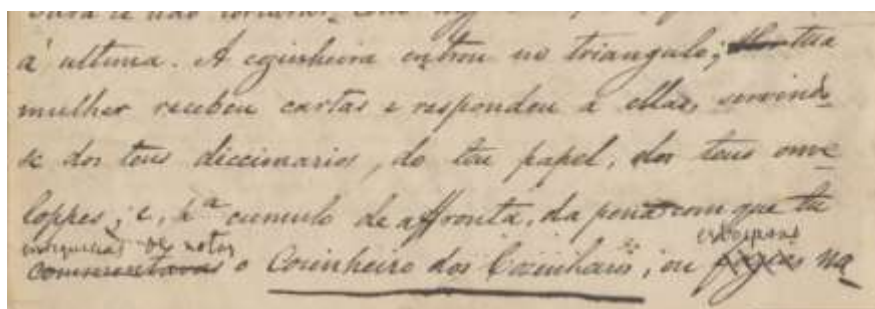


Imagem 8. Recorte da página [46] do manuscrito.

Por outro lado, o manuscrito d'*A Espada* menciona explicitamente e pela primeira vez o livro de Alexandre Dumas Filho já na página [1], acrescentando aí mesmo que a obra circulava já traduzida em Portugal com o título de «O homem-mulher». A alusão à tradução perde-se logo na primeira edição, onde ainda o título passa a ser citado apenas como *Homem-Mulher*.

⁶ Se, á falta d'outra, o coração te esporear para mulher versada no alfabeto, fornece-a desde logo de livros uteis, brindando-a com as copiosas Artes da cozinha, que se tem publicado em Portugal, desde Fernão Rodrigues até Ramalho Ortigão. Não se te importe que ella conheça este segundo sугeito, mas tão somente do Cozinheiro dos Cozinheiros, que elle deu á estampa com outros poetas causticados da inspiração de Beaudellére.

⁷ tua mulher recebeu cartas e respondeu a ellas, servindo-se dos teus dictionarios, do teu papel, dos teus enveloppes; e, para cumulo de affronta, da pena com que tu enriquecias de notas o Cozinheiro dos Cozinheiros

Nada disto pareceria estar relacionado, até termos nas nossas mãos a tradução do livro de Alexandre Dumas feita por Santos Nazareth - que, por sinal, também colaborou no *Almanach das Senhoras para 1872* (imagem 6) -, intitulada *O Homem-Mulher*, que fora impressa na mesma tipografia do que o *Almanach das Senhoras para 1872*. Esta tradução, que sabemos era conhecida por Camilo⁸, foi publicada numa edição económica, um brochado que no interior de ambas as capas e na contracapa tinha impressa publicidade de outras obras da mesma editora. O volume publicitado no verso da capa era o *Diccionario Etymologico da Lingua Portuguesa*, de Adolfo Coelho (imagem 9). Já o da contracapa era *O Cozinheiro dos Cozinheiros*, obra “enriquecida com receitas inventadas e executadas pelos distintos escriptores e artistas portuguezes” (segundo consta no próprio anúncio), entre os quais se contava Ramalho Ortigão (imagem 10).

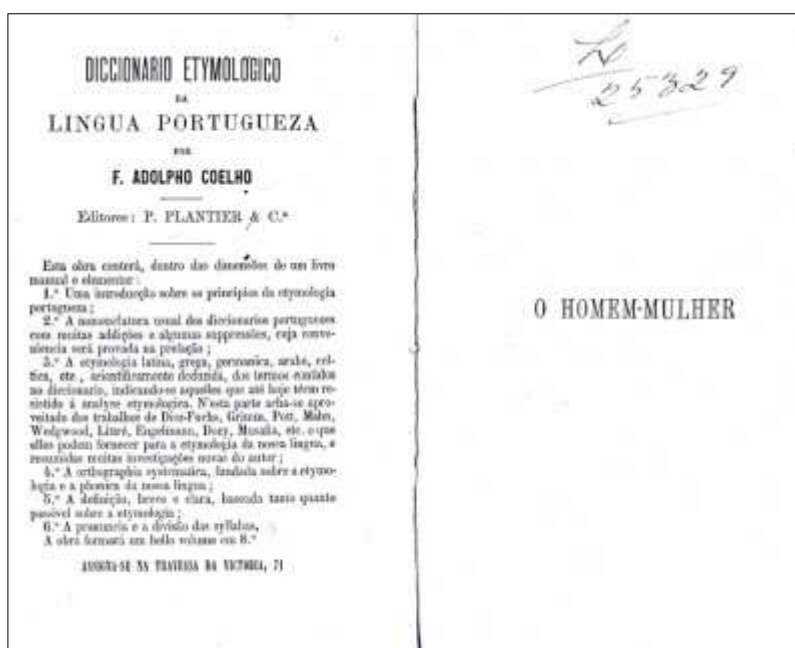


Imagem 9. *O Homem-Mulher*, verso da capa e anterrosto.

⁸ Numa carta enviada ao editor Ernesto Chadron, Camilo escreve: «Não traduzo o *Homem-mulher* do *L'Homme-femme* de Dumas, porque aquella interpretação do Santos Nazaré é tola». (Cartas de Camilo Castelo Branco, Volume II, pp. 73-4). Do seu conteúdo, depreende-se que esta carta foi escrita no início do processo de génese d' *A Espada*.



Imagem 10. *O Homem-Mulher*, contra-cap e capa.

Evidentemente, Camilo não apenas tinha ouvido falar da tradução de *L'Homme-Femme* feita por Santos Nazaré como, ainda, tinha uma cópia dela na sua posse e tudo, mesmo tudo o que estava à sua volta, podia ser integrado nessa obra que estava a compor a toda pressa.

Os narizes tortos

O suporte em que se inscreve o texto d'*A Espada* é um caderno, muito provavelmente um caderno que fora de uso doméstico, pois nas suas páginas encontramos, lado a lado com o texto, desenhos, simulações de escrita, intervenções que certamente não foram da mão de Camilo e até uma mancha aparentemente de gordura que se alastra por dez páginas, o que nos faz pensar que o actual prezado rascunho foi, alguma vez, um vulgar livro de notas que até podia muito bem ficar esquecido na mesa da cozinha.

Na página [1v] não encontramos texto d'*A Espada* mas sim uma caricatura e ainda outros desenhos que parecem ter sido feitos ora por mão infantil, ora em colaboração entre uma criança e um adulto com pouco jeito para o desenho ou que estava a “brincar aos desenhos” (imagem 11). Pela diversidade de elementos que Camilo incorporou de forma realmente original na génese d'*A Espada*, parece plausível que estes desenhos sejam também o elemento espoletador que está na origem do final da seguinte frase que encontramos nas páginas [49] e [50] do manuscrito - e cito (imagem 12):

servindo-se [...] da pena com que tu <commentavas>[↑enriquecias de notas] o Cozinheiro dos Cozinheiros, ou <fazias>[↑esboçavas] na[50]rizes [↑tortos] p^a entreter os rapazes⁹.

Esta frase, na sua simplicidade, constitui um caso verdadeiramente curioso de exogénese: por um lado, porque o elemento em questão é um desenho, e, por outro, pela sua proveniência: trata-se de um elemento da vida íntima, não literária do autor, que por acaso estava numa das páginas do suporte de escrita da obra, casualidade que fez com que se transformasse em elemento textual, e portanto literário, apenas por uma questão de contiguidade material.



Imagem 11. Recorte da página [1V] do manuscrito.

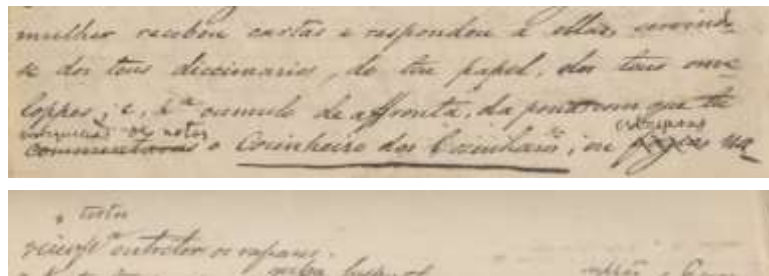


Imagem 12. Recorte das páginas [49] e [50] do manuscrito.

A modo de epílogo

O facto de ter tido acesso tanto ao rascunho da obra como a outras publicações que, seguindo os indícios nele deixados, foi possível procurar e consultar de maneira similar a como o próprio escritor o fez na altura da redacção da obra, resultou fulcral para poder descobrir estes processos exogenéticos que evidenciam a magnífica economia que o autor fazia dos recursos que tinha ao seu dispor.

⁹ servindo-se [...] da pena com que tu enriquecias de notas o Cozinheiro dos Cozinheiros, ou esboçavas narizes tortos para entreter os rapazes.

E é que, citando o prestigiado Pierre-Marc de Biasi, «[l]os borradores cuentan, día a día, una especie de historia a la vez lógica, psicoafectiva y fenomenológica que no es otra cosa que la vida del escritor en el trabajo: una historia secreta»¹⁰. Obrigada por me terem acompanhado nesta pequena visita à «cozinha» do Camilo.

Fontes

[CASTELO BRANCO, Camilo,] *A Espada de Alexandre*, manuscrito CC-FG D CAS/esp (registro 3190) da Biblioteca da Casa de Camilo, São Miguel de Seide, 1872.

DUMAS Filho, Alexandre, *O Homem-Mulher*, tradução de Santos Nazaré, Lisboa, P. Plantier & C.^a, 1872.

TORRESÃO, Guiomar (ed.), *Almanach das Senhoras para 1872 Portugal e Brazil*, Typographia de Souza & Filho, Lisboa, 1871.

Bibliografia

BIASI, Pierre-Marc de, “¿Qué es un borrador? El caso Flaubert: ensayo de tipología funcional de los documentos de génesis”, *Genética Textual*, introd., compil. y bibliografía de Emilio Pastor, Platero, Madrid, Arco Libros, 2008, pp. 113-51.

CARDOSO, Martha (ed.), *Cartas de Camilo Castelo Branco*, Vol. II, Rio de Janeiro, H. Antunes & C.^a Editores, 1923, pp. 73-4.

CASTRO, Ivo, “Introdução”, *Amor de Perdição*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

PEREIRA, Miriam Halpern, *Do Estado Liberal ao Estado-Providência: um século em Portugal*, São Paulo, Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2012.

¹⁰ P-M. de Biasi, “¿Qué es un borrador?”, p. 115.